

Marcélia Marques¹

O CON(TATO): A SENSORIALIDADE NA ARQUEOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

¹ Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central, marcelia.marques@uece.br

RESUMO

As práticas/pesquisas de campo são imersões culturais no campo dos estudos culturais, notadamente na antropologia e na arqueologia. Em muitas pesquisas é o cerne de permanentes diálogos. Nesse breve ensaio, as percepções/sensações dos sujeitos de conhecimento que se apresentam no tato, no olfato e em outras sensações, no fluxo do regime de sentidos, se vêm limitados segundo as observâncias de intocabilidade para se evitar a expansão do coronavírus. Como se repensar a arqueologia ao se visitar micro-campos de pesquisa? A etno-história se acessa de modo individual e on-line provendo assim um vasto material de pesquisa. Arqueologia digital, é outro micro-campo que não se presta apenas como ferramenta ilustrativa, permite a apreensão de outras nuances da cultura material. Redescobrir para resistir as limitações destes tempos pandêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Escavação Arqueológica. Sensorialidade. Etno-história. Arqueologia Digital.

O vasto campo dos estudos culturais abriga duas áreas de conhecimento, a antropologia e a arqueologia, dentre outras, que em seus fundamentos técnico-metodológicos se recobrem de identidades próprias. O trabalho de campo na antropologia interpretativista, quando da pesquisa etnográfica, se faz mediante o discurso e a observação do registro social por meio de descrição densa, de natureza microscópica, em que a cultura, em sua dimensão pública, é considerada uma metáfora textual (Geertz, [1989]2017; Silverman, 1990). O antropólogo por meio da fala, da escuta e da observação, em contato direto com os indivíduos de uma sociedade, constrói as redes de conhecimento. Estou falando de pessoas interagindo, vivas, que constituem e verbalizam suas vivências sócio culturais. O mesmo não se passa com algumas experiências no campo da arqueologia, notadamente na escavação, que embora também tenha seus fundamentos no trabalho de campo, o encontro demarcado com a cultura material ocorre em meio a ausência dos vivos, da sociedade que a concebeu. Sobre tais procedimentos disse em outro momento que “na prática arqueológica, o ato da escavação é um acontecimento no saber científico” (Marques, 2016) e não uma ação social interativa com pessoas de uma sociedade que descartou/abandonou a materialidade. No ato de escavar não ressoam as vozes, as escutas e os diálogos diretamente com o “outro”, e nesse sentido, a observação é o que demarca o estado sensorial comum entre a antropologia e a arqueologia. Seria apenas a observação, que se esboça na visão, esse sentido que por tanto tempo esteve resguardado como prioritário dentre as sensações do corpo humano? Para Michel Serres algumas “negações” sensoriais levam a constatar que “muitas filosofias referem-se à vista; poucas ao ouvido; menos crédito dão ao tato e ao odor” (Serres, 2001: 20). A diminuta relevância do tato tem suas origens na concepção aristotélica (Pellini, 2014).

O antropólogo, na maioria das vezes, realiza o trabalho de campo solitariamente, acompanhado do seu diário e de alguns acessórios tecnológicos para documentar a sua experiência de pesquisa. O mesmo não ocorre com arqueólogos que se lançam numa escavação. Desde os primeiros momentos da pesquisa, ainda na prospecção, se acompanha seja de habitantes locais, seja de companheiros de trabalho para desbravar paisagens com registros arqueológicos. Na escavação se configura o grupo de pesquisa, pessoas em busca de coisas, onde cada um, a partir de seus olhos, mãos, nariz e todos os órgãos sensoriais se lançam diante de uma “caixa preta” sedimentar. As coisas podem ser vistas e tocadas, como a translucidez ou a dureza de uma rocha e a textura e a cor de um fragmento cerâmico. Pelo cheiro se pode identificar marcas d’água e a acidez de fezes de alguns animais, o som de rajadas de vento sinalizam o intemperismo mecânico e assim, o corpo realiza uma leitura sensorial integrando uma extraordinária capacidade que está além da visão, do olhar. Não basta apenas observar. Até o momento mencionei os órgãos do sentido, numa aparente ênfase no biologismo do corpo humano. No entanto, tratam-se de fluxos sensoriais, que requerem transcorporeidade como condição, que juntamente com o campo sensorial abarcam as substâncias materiais (Hamilakis, 2015).

Minha memória ancora no mês de março de 2020. Notícias sobre o novo coronavírus insinuavam a expansão de um vírus pouco conhecido, e que se espalhava com extraordinária velocidade. A vida transcorria com notícias fragmentadas sobre a nova ameaça, e mais um dia de aula estava para acontecer. No dia 17 de março ao chegar à universidade, me informam que não haveria aula, estava decretado isolamento social e estado de quarentena. A condição humana assegurada na mobilidade, que desde os primórdios da humanidade é ressaltada pelos deslocamentos realizados na dinâmica dos povoamentos, a partir de agora, estava em suspenso. A restrição de “ficar em casa” fora acompanhada de algumas recomendações de hábitos de higiene para se evitar que algumas ações atingissem diretamente os nossos órgãos e campos dos sentidos. Deste modo, se tornou crucial lavar as mãos, sempre que se tocasse em algo, para eliminar o vírus, evitando que este pudesse atingir a boca, os olhos e o nariz. Os sintomas da COVID-19 também afetam as sensações, como é o caso da perda do paladar e do olfato. Diante desta constelação de sensorialidades, o tocar, pegar, segurar, abraçar e outras ações que envolvam a mão humana, em contato, se constituíram na maior das observâncias.

As pessoas em isolamento social e quarentena, de um modo geral, passaram a adotar as recomendações em espaços domésticos, de certo modo, mais ordenáveis, menos surpreendentes. Diante da necessidade de ir à rua, os cuidados foram redobrados e novos acessórios, como máscaras e óculos, passaram a ser incluídos na expectativa de inibir a transmissão do vírus para o nariz, boca e olhos, as principais vias de entrada do novo coronavírus. Nos mais diversos lugares os órgãos dos nossos sentidos passaram a ter seus fluxos inibidos, restringidos e resguardados. Coisas e pessoas foram lançadas para a esfera dos “intocáveis”.

Uma campanha arqueológica envolve várias pessoas, desde o mecânico que fará a revisão do carro, o condutor do veículo e pessoas que irão viajar em um ou mais carros. Nessa pandemia recomenda-se um distanciamento de 1,5 m a 2 m. Desse modo, o próprio deslocamento já é considerado inviável. Mas supomos que a equipe fosse restringida e as pessoas pudessem ser conduzidas se respeitando as medidas do distanciamento. O condutor transportaria apenas um passageiro, e ainda, faria o percurso nas mesmas condições com cada um dos membros da equipe. Podemos imaginar um caso excepcional de uma escavação que não tivesse, por um importante motivo, possibilidade de ser adiada. Em campo, cada um receberia um conjunto de ferramentas próprias, e no canteiro de escavação se posicionariam conforme as regras do distanciamento social, o que implicaria um maior tempo de trabalho. O manuseio de instrumentos topográficos também seria realizado por uma mesma e só pessoa. As coisas encontradas, em suas posições de abandono seriam coletas, colocadas em sacos, etiquetadas e acondicionadas. No entanto, quando fossem manuseadas por outras pessoas em laboratório, outros cuidados teriam que ser observados. Quem tocou o artefato, o plástico, o papel da etiqueta, no acondicionamento em campo, seria alvo de

indagação quanto a um potencial transmissor do novo coronavírus.

Os laboratórios são as zonas mais bem equipadas para blindar o contágio, o uso de máscaras e luvas faz parte da rotina de trabalho. Manusear as coisas, sem seus invólucros, com o tato de mãos nuas, não seria recomendável, tendo em vista que outras mãos já teriam tocado essas coisas. O manuseio de materialidades, algo aparentemente imprescindível para um arqueólogo, teria suas restrições mesmo numa escavação imaginária como foi proposto, pois a análise requer sentir o objeto, não apenas vê-lo. As mãos não apenas tocam, mas também aproximam a coisa de um melhor campo de visão. O contato com as coisas, sentir o desgaste de um retorque e o modo de manusear um artefato, como por exemplo, de um instrumento plano convexo, de uma lasca, faz uma grande diferença frente apenas visualizá-lo.

A essa altura se percebe que uma escavação imaginária com medidas de prevenção ao novo coronavírus tem pouca possibilidade de se efetivar enquanto pesquisa rotineira na arqueologia brasileira. Os recursos necessários extrapolariam as verbas costumeiramente destinadas a grupos de pesquisas, especialmente pelo acréscimo dos custos e vigilância rígida às novas condutas. E ainda, pelas exclusões orçamentárias em instituições de fomento à pesquisa, ocorridas recentemente, notadamente, nas ciências sociais, ainda nestes tempos de pandemia. Por um período que não se sabe até quando, os trabalhos de campo arqueológicos poderão ficar em suspenso. Dependendo da quantidade de participantes, uma escavação pode ser caracterizada como aglomeração. Enquanto escrevo, num momento em que certamente a pandemia ainda está em ascensão, e que os cuidados ainda são para se inibir o máximo o contágio e a velocidade de expansão do novo coronavírus, ainda não se tem recomendações seguras quanto as medidas a serem adotadas com a flexibilização do isolamento social. Enquanto isso, como nos reinventarmos, mesmo que temporariamente, no fazer arqueológico? Quais os estudos possíveis que porventura venham demarcar um novo con(tato) na arqueologia, e que redimensione um novo olhar integrado por múltiplos fluxos sensoriais? Se insinuam atividades um pouco mais solitárias, compartilhadas por um menor número de pessoas. É possível que tenhamos que visitar áreas, micro campos do saber arqueológico.

No início do século XX, com o gradual desaparecimento das sociedades ditas primitivas, de um “objeto empírico”, houve forte impacto nos rumos da antropologia, foi necessário que essa disciplina se reinventasse elegendo os camponeses, e realizasse uma aproximação da sociologia comparada para seguir o curso de suas pesquisas (Laplatine, 2003). Essa crise de identidade na antropologia não é aqui referida como uma projeção na arqueologia brasileira, no presente, com o advento do novo coronavírus, e sim para demonstrar como os campos de saberes requerem mudanças de rotas, dependendo das tempestades que os assolem. Uma postura fértil pode ser alimentada em se voltar para os encontros disciplinares, como por exemplo, entre arqueologia e etno-história, onde a pesquisa

pode ser realizada nas fontes obtidas via *internet*, virtualmente, e em consultas a instituições com acervos documentais, mantendo as devidas recomendações das práticas higiênicas e das medidas de distanciamento. Como o próprio termo sinaliza, etno-história se refere a estudos cuja vinculação se estabelece entre cultura/antropologia e história. Eduardo Neves considera que a cultura material arqueológica é um documento importante para a história indígena, no entanto existem poucas pesquisas no Brasil onde a arqueologia, a antropologia cultural e a etno-história estejam inscritas numa perspectiva interdisciplinar, integradas no momento de sua concepção (Neves, 1995). As pesquisas neste sentido avançaram como demonstram estudos demarcados pela interdisciplinaridade, circunscritos numa perspectiva ou inspiração etno-histórica, nas regiões pantaneira e platina (Eremites, 2004; 2008; 2018), para citar exemplos.

É um momento oportuno ainda, para se repesar o potencial analítico e interpretativo da cultura material acondicionada em museus e reservas técnicas, e remover estas coisas para o campo dinâmico do saber arqueológico. Os trabalhos pioneiros de Thomsen sobre uma coleção dinamarquesa pré-histórica, em meados do século XIX, onde foram estabelecidas sequência cronológica e seriação, demarcaram estudos científicos da cultura material no âmbito da arqueologia (Trigger, 2004). De lá para cá muitos meios instrumentais e abordagens acerca da materialidade vem sendo empreendidas. A arqueologia digital não é apenas um instrumento tecnológico a serviço de um aprimoramento de visualidades no campo da virtualidade. A tridimensionalidade pode permitir que detalhes, não somente relacionados à tipologia e fabricação de objetos, possam ser melhor percebidos, aqueles que em conjunto compõem o objeto criado; é possível ainda, evocar sensorialidades de pessoas encarnadas onde o corpo atuou na criação, por exemplo, de texturas a partir do toque. Esses novos objetos criados interagem também com o pesquisador, com sua afetividade, memórias, redimensionam as experiências de um objeto escavado (Papadopoulos; Hamilakis; Kypaissi-Apostolika, 2019).

A pandemia do coronavírus, ao invés de nos “atar as mãos” diante de novas regras, pode possibilitar que a Arqueologia se repense no vasto campo da interdisciplinaridade e refinamento instrumental, e nos permitir experimentar um amplo caminho de descobertas em fluxos de sensações também em nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA:

EREMITES, J. Os primeiros pescadores-caçadores-coletores do Pantanal. **Revista de Geografia**. Ano X, nº 19. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2004: p. 23-24.

_____. **Arqueologia Pantaneira: história e historiografia**. Editora UFGD. Dourados. 2008.

_____. Uma etno-história da erva-mate dos povos indígenas de língua guarani na região platina: da província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. In: FINOKIET, B. A. (ORG). **Fronteiras e Interculturalidade**. Copiart. Tubarão (SC) 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC/GEN. Rio de Janeiro. [1989]2017.

HAMILAKIS, Y. **Arqueología y los sentidos: experiencia, memoria y afecto**. Madrid: JAS Arqueología Editorial, 2015.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia. Brasiliense**. São Paulo. 2003.

MARQUES, M. **Pedra que te quero palavra: arqueologia, semiose e discursividade**. Prisma. Curitiba. 2016.

NEVES, E.G. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (Org). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º grau**. MEC/MARI/UNESCO. Brasília.. 1995. p. 171-196

PAPADOPOULOS, C.; HAMILAKIS, Y.; KYPARISSI-APOSTOLIKA, N. Digital Sensoriality: The Neolithic Figurines from Koutroulou Mgaoula; Greece. 2019: p. 625-652. <https://doi.org/10.1017/S0959774319000271>

PELLINI, J. R. Redomas de vidro: relações entre tato, cultura material e práticas de institucionalização. **Revista de Arqueologia Pública**, n.9. Campinas. LAP/NE-PAM/UNICAMP. 2014. p 63-78.

SERRES, M. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados – 1**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2001.

SILVERMAN, E. K. Clifford Geertz: Towards a More 'Thick' Understanding?. In: TILLEY, C. **Reading Material Culture: structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism**. Basil Blackwell. 1990.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. Oysseus Editora. 2004.